

# A Força Expedicionária do Mato Grosso na Guerra da Tríplice Aliança

Claudio Luiz de Oliveira\*

## Antecedentes da guerra

Os conflitos na região do rio da Prata entre os reinos ibéricos eram frequentes desde que os portugueses fundaram a Colônia do Santíssimo Sacramento.

A política do Império do Brasil para a bacia daquele curso d'água visava garantir a segurança na fronteira do Rio Grande do Sul, pois assim estaria assegurada a livre navegação do próprio rio, como de seus formadores (rios Paraná, Paraguai e Uruguai). Esses rios constituíam a via de acesso fluvial principal para o interior das províncias da região sul do Brasil, assim como para a província do Mato Grosso. Outro pilar dessa política era evitar a formação de um estado poderoso que se pudesse contrapor ao o Império.

Entre 1862 e 1865, a tensão entre os países que se debruçavam sobre a bacia Platina se agravou, levando à formação de alianças político-militares. Os *blancos* buscaram apoio junto ao ditador paraguaio, enquanto que os *colorados* ombrearam com os brasileiros. Assim sendo, eclodiu a guerra civil uruguaia quando general Venâncio Flores<sup>1</sup> (*colo-*

*rado*) invadiu o país, em 1863. Imediatamente Aguirre (*blanco*) solicitou a intervenção de Solano Lopez. Este protestou junto ao Império Brasileiro, ameaçando intervir contra qualquer ação no território oriental.

Em 12 de outubro, o general João Propício Mena Barreto ocupou a cidade de Melo, no Uruguai, e a entregou a Venâncio Flores, enquanto Tamandaré ocupou a cidade de Salto. Em 1º de dezembro, Osorio adentrou o Uruguai, cruzando Paissandu e seguindo, em janeiro de 1864, para a capital do país. Solano Lopez, em resposta, aprisionou o mercante brasileiro Marquês de Olinda em 10 de novembro de 1864.

Apreendido o Marquês de Olinda e caracterizada a política de enfrentamento do Paraguai em relação ao Brasil, o governo imperial mobilizou os modernos efetivos do Exército espalhados pelo país, insuficientes para travar uma guerra.<sup>2</sup>

A expressa disputa colonial entre Portugal e Espanha e as condições históricas advindas do Primeiro Reinado, somadas às condições econômicas representadas pela

---

\* Cel Cav R/1 (AMAN/79, EsAO/89, ECEME/96), pós-graduado em História Militar Brasileira (UNISUL/14 e UFRJ/17) e pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército. ([claudio1343@bol.com.br](mailto:claudio1343@bol.com.br))

atividade pastoril no sul do Brasil, fizeram com que aquela região de fronteira se caracterizasse por disputas violentas entre a monarquia brasileira e as repúblicas platinas. O arcabouço para o maior conflito bélico da história militar sul-americana estava pronto.

## A invasão, a ocupação e a reação do Mato Grosso

### A invasão

No dia 15 de dezembro de 1864, uma força naval paraguaia comandada pelo coronel Vicente Barrios, composta por cinco vapores de guerra, duas lanchas canhoneiras e três transportes com 2.440 soldados, partiu de Asunción, conquistando o Forte Coimbra e ocupando as povoações de Albuquerque e Corumbá.

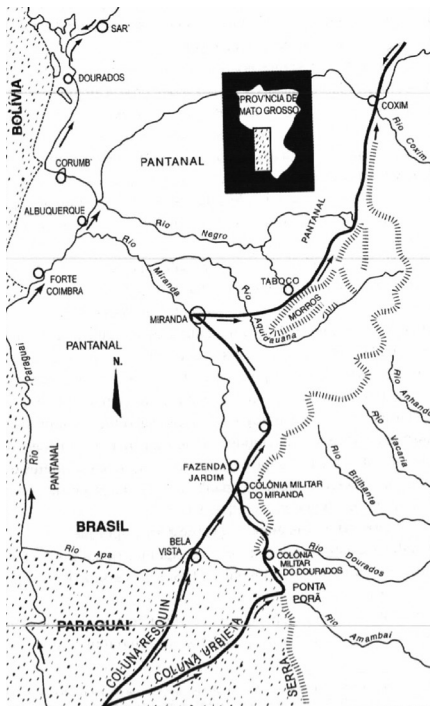


Figura 1 – A invasão do Mato Grosso  
Fonte: GUIMARÃES, 1999

O coronel Francisco Isidoro Resquin, à frente de um exército de 1.450 homens, partiu, em 22 de dezembro, da Vila Concepción, conquistando a Colônia Militar de Miranda, a povoação de Nioaque e a Vila de Miranda, no intervalo de uma semana.

Ao mesmo tempo, um destacamento de 365 soldados, em sua maioria de natureza hipomóvel, comandado pelo capitão Martin Urbieja, atacou e conquistou a Colônia Militar de Dourados. O outro destacamento, sob o comando do capitão Juan Batista Agüero, partindo de Vila Miranda, alcançou Coxim e, dessa localidade, se dirigiu a Nioaque, incendiando tudo o que estava pela frente. O efetivo empenhado na invasão da província foi de 4.255 paraguaios.<sup>3</sup>

### A ocupação

O comando paraguaio estabeleceu um esquema tático para defender o território ocupado, balizado pela linha de Colônia Militar de Dourados, Colônia Militar de Miranda, Vila de Nioaque e Vila de Miranda.

O Teatro de Operações (TO) de Mato Grosso foi secundário e não influenciou o resultado da guerra, embora as armas e munições apreendidas pelos invasores reforçassem o poder bélico do Exército paraguaio. Com a ocupação de Mato de Grosso, Solano Lopez garantiu sua retaguarda e pôde voltar-se para o Rio da Prata.<sup>4</sup>

Entretanto, a decisão de Lopez de declarar guerra e invadir a Argentina, em 14 de abril de 1865, obrigou-o a rocar o grosso de suas forças que estavam estacionadas em Mato Grosso para região meridional do Paraguai.

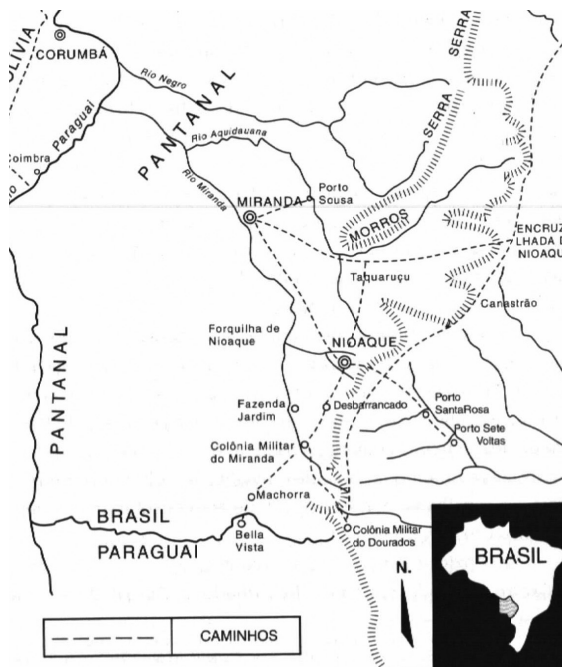


Figura 2 – A ocupação

Fonte: GUIMARÃES, 1999

Enquanto isso, no teatro de operações do Sul, Argentina, Brasil e Uruguai assinaram, em 1º de maio, o Tratado da Tríplice Aliança com a finalidade de lutarem contra Solano Lopez; em 11 de junho, o Gen Estigarribia conquistava São Borja, seguindo para Uruguaiana, e o almirante Barroso triunfava em Riachuelo; e a 18 de setembro, o mesmo Gen Estigarribia capitulava em Uruguaiana.

O Cap Urbieta ocupou Nioaque e fez da cidade o seu posto de comando. Em abril de 1866, o dispositivo inimigo estava articulado com uma centena de soldados nas colônias militares de Dourados e de Miranda. Brillante e Sete Voltas possuíam um efetivo de cento e dez homens; Vacaria e Morro do Canastrão contavam com mais cem combatentes; Água Fria e Nioaque, com quinhentos e trinta soldados; Taquaruçu e Porto Sousa, com quatro

centenas, totalizando mais de 1.200 militares, fora o efetivo de pequenos contingentes na Fazenda Machorra e Vila Miranda.

Além de reconhecer o terreno e os efetivos brasileiros, esses contingentes podiam informar, se necessário, os víveres, forragens e reforços que pudessem vir pelas vias de acesso balizadas pelos rios Brillante e Anhanduí. Esse esquema de manobra foi idealizado para carrear a tropa estacionada para as terras paraguaias de Laguna.

O objetivo da ocupação era extinguir qualquer tipo de auxílio às populações e aprisionar todo o gado existente nas fazendas do Mato Grosso. As reses apresadas eram levadas para Ipané, no Paraguai, com a finalidade de suprir as necessidades das tropas guaranis.

### A reação

O Império decidiu atacar o Paraguai por dois eixos opostos. O ataque pelo Sul partiria de Corrientes, atravessando o rio Paraná com a finalidade de derrotar o inimigo e conquistar Asunción. Ao Norte, a investida partiria de Uberaba-MG, atravessando a província de Mato Grosso, a fim de expulsar os guaranis para além do rio Apa. Ficaria em condições de seguir para o Sul mediante ordem, segundo o plano traçado pelo marquês de Caxias, exposto ao general Henrique Be-aurepaire Roam, então ministro da Guerra:

Combinando com uma Coluna Principal que deveria invadir o Paraguai pelo Passo da Pátria e ir direto a Humaitá e Assunção, uma outra coluna deveria atuar em Mato Grosso, perseguir o inimigo que tiver invadido a Província até a linha do Rio Apa, aí esperando ordens do General-chefe do Exército do Sul para, de acordo com ele, descer até onde convier.<sup>5</sup>

Em 10 de abril de 1865, o Império organizou uma tropa, reunindo as poucas forças do exército de linha (exército regular) estacionadas nas províncias do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e voluntários das Minas Gerais e Goiás.

Ao Norte, do lado de Mato Grosso, as operações eram infinitamente mais difíceis, não só porque ocorriam a milhares de quilômetros do litoral atlântico, onde se concentram todos dos recursos do Brasil, como ainda por causa das inundações do rio Paraguai, que, cortando, na parte superior do curso, terras baixas e planas, transbordava anualmente, a submergir, então regiões extensíssimas. Consistia o plano de ataque mais natural em subir as águas do Paraguai, do lado da Argentina, até o coração da república e, do Brasil, descê-las a partir de Cuiabá, a capital mato-grossense, que os paraguaios não haviam ocupado.<sup>6</sup>

## A mobilização

### **Os Voluntários da Pátria**

A sociedade brasileira não contava com um exército nacional de grande porte, recorrendo à atuação de milícias organizadas pelas elites locais (Guarda Nacional) para manter a ordem e defender o território. Havia a necessidade de recompor os efetivos militares.

A fim de se posicionar frente à ameaça paraguaia, o imperador assinou o Decreto nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865, criando o Corpo de Voluntários da Pátria, com a finalidade de ampliar o escasso contingente de tropas do exército de linha e fazer frente ao ataque de seu belicoso vizinho mediterrâneo.

O esforço de guerra desencadeado em todo o território brasileiro conclamava popula-



Figura 3 – Distintivo dos Voluntários da Pátria  
Fonte: verdadesmonarquicas.blogspot.com.br

ção em geral a empunhar armas em defesa da Pátria invadida por forças estrangeiras. O conflito “imprimiu a necessidade de implementação de uma organização bélica nunca antes empreendida pelo Governo Imperial, obrigando-o a recrutar e armar homens em larga escala” — o que deu grande relevo institucional ao Exército naquele momento.<sup>7</sup>

Os voluntários traziam no braço esquerdo um distintivo constituído por uma chapa de metal amarela com a Coroa Imperial, tendo por baixo a seguinte inscrição: “VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA”.

### **A Força Expedicionária do Mato Grosso**

A concentração das tropas foi realizada na cidade mineira de Uberaba. Duas brigadas foram formadas: a paulista, de aproximadamente 1.400 homens, comandada pelo coronel Manoel Pedro Drago, e a mineira, de 1.200 soldados, comandada pelo coronel José Antônio da Fonseca Galvão. A esse efetivo se

Brigada Mineira	Brigada Paulista
1º Corpo de Voluntários Mineiros	Corpo da Guarnição de São Paulo
	Corpo Fixo de Cavalaria de São Paulo
Corpo de Polícia da Província das Minas Gerais	Contingente de Voluntários do Corpo Policial de São Paulo
Corpo da Guarnição de Ouro Preto	
130 praças do 27º Corpo de Voluntários da Pátria de Minas Gerais	Corpo da Guarnição do Paraná
	Corpo Fixo de Artilharia do Amazonas
	Comissão de Engenheiros

Tabela 1 – Corpo Expedicionário em Operações no Sul de Mato Grosso

Fonte: elaboração do autor, baseado em DUARTE, 1984

juntariam mais tarde soldados amazonenses, goianos e paranaenses, incluindo dois esquadrões de cavalaria e doze canhões.

### A marcha para o Apa

A marcha em direção ao rio Apa, acidente capital que demarca o limite físico entre Brasil e Paraguai, foi realizada em quatro etapas: de Uberaba a Coxim; de Coxim a Vila Miranda; de Vila Miranda até Nioaque; e, por fim, de Nioaque, às margens do rio limítrofe.

#### ***Marcha de Uberaba a Coxim***

Saindo de Uberaba em 4 de setembro de 1865, o Corpo Expedicionário em Operações no Sul de Mato Grosso atingiu a localidade de Santa Rita, no dia 21 do mesmo mês, às margens do rio Paranaíba, cuja travessia só foi concluída no dia 29. Nessa oportunidade, a empresa militar recebeu o reforço de 480 soldados goianos e novas ordens:

[...] marchar e ocupar a Vila Miranda, com o objetivo de restabelecer a soberania brasi-

leira naquela região, em virtude de informes que os guaranis haviam a abandonado.<sup>8</sup>

Pondo-se em marcha, a coluna alcançou, em 8 de outubro, a margem direita do rio dos Bois, afluente do rio Paranaíba, cuja travessia foi postergada por cinco dias em virtude das péssimas condições climáticas da região.

No dia 20 do mesmo mês, por ordem do governo imperial, o Cel Drago foi exonerado do comando da tropa. Em seu lugar, assumiu o Cel Fonseca Galvão.

No final do mês de novembro, o Corpo Expedicionário chegou à província de Mato Grosso. A marcha continuou na direção de Coxim, atravessando terrenos insalubres, inundados pelas cheias do rio Paraguai, o que ocasionou diversas moléstias na tropa.

Em Coxim, encontrava-se aquartelada, desde o dia 7 de setembro, uma força formada pelo 20º Batalhão de Infantaria, composto por duas subunidades do 16º CVP e um esquadrão de cavalaria, ambos

1ª Brigada de Infantaria	2ª Brigada de Infantaria
17º Corpo de Voluntários da Pátria (MG) (Ex-1º Corpo de Voluntários Mineiros)	20º Batalhão de Infantaria (GO) (Duas subunidades do 16º CVP)
21º Batalhão de Infantaria (MG) (Corpo da Guarnição de Ouro Preto + Corpo da Guarnição de São Paulo)	1º Corpo de Caçadores a Cavallo Esqd Cav (SP) + Esqd Cav (GO)
Corpo de Polícia da Província (MG)	Contingente do Corpo de Polícia da Província de São Paulo
Corpo Provisório de Artilharia (Remanescentes do Corpo de Artilharia do Amazonas) 4 canhões La-Hitte	
Comissão de Engenheiros	

Tabela 2 – Forças em Operações ao Sul da Província de Mato Grosso  
Fonte: elaboração do autor, baseado em DUARTE, 1984

da província de Goiás,<sup>9</sup> que aguardavam a chegada das tropas que partiram de Uberaba.

Em 20 de dezembro, após percorrer 1.106km a pé, agregando mais pessoal ao seu efetivo, a coluna com 2.203 combatentes e 1.300 agregados<sup>10</sup> transpôs o rio Taquari e acampou na antiga Colônia Militar Coxim, destruída e abandonada pelos guaranis.

A primeira parte da jornada chegara ao seu fim. A tropa já estava no teatro de operações e permutou a sua atual designação para Forças em Operações ao Sul da Província de Mato Grosso.<sup>11</sup>

A região de Coxim não possuía valor estratégico, a não ser pela sua altura em relação à linha do mar, que oferecia melhores condições de saúde a tropa. Entretanto, houve uma recomendação de prover um local fortificado com apoio da Comissão de Engenheiros. O pequeno fortim foi construído e guarnecido com oito das doze peças de canhão La-Hitte.<sup>12</sup>

No ano seguinte, em 28 de fevereiro de 1866, o Cel Fonseca Galvão, posteriormente promovido a brigadeiro, reestrutu-

rou a coluna da seguinte forma: 1ª e 2ª brigadas de Infantaria, comandadas pelo Ten Cel Antônio Enéas Gustavo Galvão e Ten Cel Joaquim Mendes Guimarães, respectivamente; a Bateria La-Hitte (a quatro canhões), comandada pelo Maj João Tomás de Cantuária; e a Comissão de Engenheiros, chefiada pelo Ten Cel Juvêncio Cabral de Menezes.

Apesar da altitude, o terreno era lamacento e pantanoso, enquanto que o clima proporcionava copiosas chuvas durante vários meses. O lugar era insalubre e distante dos centros de abastecimento goianos.

O acampamento ficou ilhado pela água contaminada proveniente dessas tormentas, o que impediu o adequado reabastecimento de víveres, causando uma série de doenças entre a tropa. Essa situação aumentou o número de deserções.

As águas, ao voltarem aos leitos normais, determinaram a necessidade de deixar Coxim, atravessando os pântanos e brejos pestilentos para atingir Vila Miranda.

### **Marcha de Coxim a Vila Miranda**

A coluna partiu de Coxim em 25 de abril de 1866, atingindo o povoamento em 17 de setembro do mesmo ano, em marcha na qual soldados e agregados da expedição caminharam por cerca de 396km.

O itinerário de progressão da coluna era, também, o itinerário de retraimento dos paraguaios. No prosseguimento da missão

atingiram uma região cuja passagem ficou conhecida como Portão de Roma. Era um pórtico feito pela natureza, cortado entre rochas. O Cap José Rodrigues Duarte Júnior, do 17º Voluntários da Pátria, a ele se referiu em suas memórias:

Portão de Roma — lugar assinalado por atravessar a estrada, um pequeno serrote por entre duas pedras cortadas perpendicularmente e que pareciam preparadas para receber um portão.<sup>13</sup>

A força expedicionária, escalonada, chegou às margens do rio Negro com a 1ª Bda em 8 de maio e a 2ª Bda em 4 de junho, após percorrem um único itinerário de progressão. O deslocamento foi realizado em terreno seco e preparado pelos soldados do Batalhão de Engenheiros, o que facilitou o trânsito das carretas de bois, assim como a marcha a pé dos combatentes. No dia 24 de junho, a força expedicionária se pôs em marcha mais uma vez, após a travessia do rio Negro.

A tropa adentrou em áreas inundadas do pantanal, onde foi submetida a terríveis sofrimentos. Os soldados marcharam dias inteiros com água pela cintura e a beribéri a atacá-los, não distinguindo oficiais ou praças.

Foram necessárias dez jornadas até o rio Taboco. É surpreendente como puderam se embrenhar em alagadiços imensos, pantanais intermináveis, cuja vazante, anualmente, inundava o terreno. Alguns autores avaliam que morreram naquela região mais de dois mil seres humanos.

A expedição alcançou o rio Taboco em 3 de julho e lá permaneceu por trinta dias. Naquela oportunidade, foi realizado o abastecimento do Suprimento Classe I (artigos de

subsistência: víveres e forragens) pelas carretas vindas de Coxim e lá chegaram primeiras notícias sobre a evasão dos paraguaios da Vila de Miranda.

No dia 13 julho de 1866, o comandante das Forças em Operações, o brigadeiro Fonseca Galvão, faleceu e foi enterrado em um fosso, vítima da “perneira”.<sup>14</sup> Assumiu o comando da expedição o Ten Cel Joaquim Mendes Guimarães, que comandava a 2ª brigada.

No dia 5 de setembro de 1866, a coluna partiu da região do Taboco em direção a Vila Miranda, não sem antes deixar seu cemitério lotado com as vítimas do beribéri.

No prosseguimento, a tropa atravessou o rio Aquidauana, ultrapassou as localidades de Ipeguê, Naxedaxe e Ugai, até alcançar o seu objetivo, em 17 de setembro de 1866. A tropa estava com seu efetivo desfalcado, assim como os cavalos dizimados pela “doença das cadeiras”.<sup>15</sup> A ausência de equinos deixava a Cavalaria a pé. Dos 2.600 homens que saíram de Coxim, somente 2.203 atingiram Vila Miranda. Igual proporção pode-se aplicar aos agregados da coluna.

As Forças em Operações permaneceram estacionadas durante todo o restante do ano de 1866. No dia 1º de dezembro, a beribéri reduziu o efetivo da tropa acampada para 2.081 combatentes.

A essa altura, tinham sido percorridos 2.112 quilômetros em dois anos, se considerada a saída dos primeiros homens do Rio de Janeiro com destino a São Paulo, e um terço de seus membros já morrera.<sup>16</sup>

Em 1º de janeiro de 1867, o Cel Carlos de Moraes Camisão, enviado pelo presidente

da província, assumiu a força expedicionária. Encontrou uma tropa disciplinada, mas que se refazia das enfermidades e da fome, sem a organização compatível com o reduzido efetivo e com sua Cavalaria desmontada.

Após realizar o seu estudo de situação e ouvir o parecer de seus engenheiros e médicos (Dr. Cândido Manuel de Quintana e Dr. Manuel de Aragão Gesteira) sobre o estacionamento insalubre em Vila Miranda, decidiu marchar imediatamente para Nioaque.

### ***Marcha de Vila Miranda a Nioaque***

O Cel Camisão reorganizou a coluna em 10 de janeiro, aglutinando as duas grandes unidades em uma única brigada. Os índios Terenas e Guaicurus, inimigos fígadais dos paraguaios, se uniram à coluna. Fardada, armada, equipada, municada e provida de suprimento classe I (Sup Cl I), a Brigada Expedicionária marchou a pé, em 11 de janeiro, chegando a seu destino em 24 do mesmo mês, indo acampar nas cercanias da margem direita do rio Urumbeva. Os paraguaios, mais uma vez, negaram o combate, retiraram-se, saqueando e destruindo Nioaque antes de a tropa brasileira alcançá-los.

Nioaque foi a área de apoio logístico das Forças em Operações ao Sul da Província de Mato Grosso. Possuía um depósito de suprimento Classe I – Artigos de Subsistência (víveres e forragem); Classe II – Material de Intendência (fardamento e material de campanha); Classe V – Armamento e Munição; Classe VIII – Material de Saúde; e Classe X – Material não enquadrado nas classes anteriores (água etc.); além de pousada para os agregados da coluna (mulheres e crianças) antes da arremetida para o rio Apa.

Naquela oportunidade, o Cel Camisão encaminhou ofício à presidência da província nos seguintes termos:

Quartel do Comando das Forças em Operação ao Sul da Província de Mato Grosso. Acampamento em Nioac, 27 de janeiro de 1867.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex<sup>a</sup> a chegada das Forças sob meu comando, no dia 24 do corrente, a este ponto, onde pretendo dar-lhe algum descanso e esperar a reunião de gado, a qual permita o prosseguimento da marcha até o Apa.

A escassez do gado, depois da ocupação do distrito por mais de um ano pelos inimigos, torna-se hoje muito sensível, e a vinda de duzentas e cinquenta e cinco reses que remeteu o incansável e digno Presidente da Província de Goiás em nosso socorro veio remover uma das necessidades que se ia tornando iminente.<sup>17</sup>

Nioaque era um lugar salubre, e lá a tropa permaneceu até 24 de fevereiro de 1867. As epidemias cessaram. Os soldados mostravam boa disposição física e estavam bem adestrados pelos frequentes exercícios que faziam diariamente, principalmente o manejo e o tiro dos canhões.

### ***Marcha de Nioaque ao rio Apa***

Em 25 de fevereiro, a coluna marchou em direção às margens do rio Apa. Atravessou os ribeirões Canindé, Desbarrancado e o Feio, atingindo a antiga Colônia Militar de Miranda em 4 de março. Nesse sítio, a coluna recebeu o último lote de animais trazidos da fazenda Jardim, de propriedade de José Francisco Lopes (Guia Lopes), que teve sua família sequestrada pelos paraguaios, e assim se uniu à coluna na tentativa de salvar seus entes queridos.



O acampamento brasileiro ficou a 12km da fronteira balizada, onde existia o forte inimigo de Bella Vista. Começaram a surgir os primeiros indícios da proximidade com o inimigo. “A partir desse ponto, só no Paraguai a tropa encontraria gado para alimentar a coluna”, pensava dessa forma o Cel Camisão.

Na busca pelo alimento, o 17º de Voluntários recebeu a missão de escoltar elementos da Comissão de Engenheiros para explorar as localidades vizinhas, em 10 de abril, indo até o sítio do Retiro. No dia seguinte, alguns brasileiros refugiados do Paraguai, entre eles o filho do Guia Lopes, chegaram ao estacionamento com informes sobre o terreno e o inimigo que ocupava Bella Vista com cem homens sob o comando do Maj Urbietta.<sup>18</sup>

Os refugiados declararam que, em caso de necessidade, em virtude de uma investida brasileira, os paraguaios tinham ordem de destruir todo o material que não pudesse ser carregado ou transportado.

O 17º CVP retornou da missão em 12 de abril e informou ter feito contato visual com o inimigo na região do Retiro. Em 14 de abril, o Cel Camisão encaminhou ofício ao comandante das armas da província relatando a sua dúvida, entre avançar sobre o rio Apa ou retrair para Nioaque, em virtude da inexistência Sup Cl I (gado) que pudesse alimentar a expedição:

Acho-me, pois, nas circunstâncias mais críticas, vendo o iminente momento em que eu seja de todo constringido pela necessidade de modificar os meus planos, abandonando os projetos que havia delineado.<sup>19</sup>

Entretanto, o Cel Camisão fez a expedição marchar em 14 de abril com o objetivo

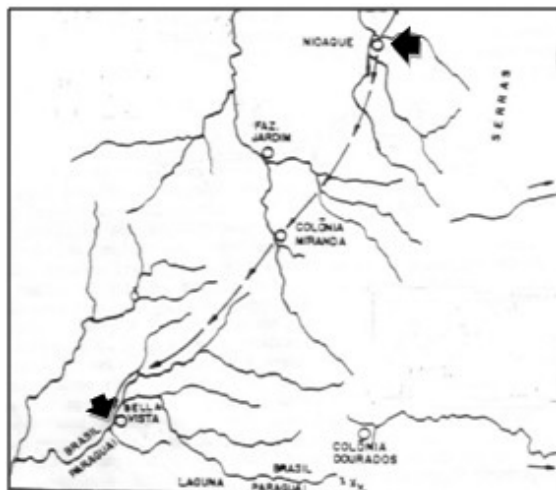


Figura 4 – Marcha de Nioaque ao rio Apa

Fonte: adaptação do autor, baseado em GUIMARÃES, 1999

estabelecer o contato com o inimigo. Atravessou o rio Miranda, ultrapassou a localidade de Retiro e atacou a fazenda Machorra, em 20 de abril, com o 17º de Voluntários na vanguarda da coluna, obrigando o inimigo a retrair para o território paraguaio.

A fazenda compunha-se de duas linhas paralelas de grandes casas, podendo dar abrigo a quatrocentas praças, tendo, além disso, um curtume, uma grande oficina de correiros, dois grandes currais e plantações de mandioca, feijão, milho, canas e fumo.<sup>20</sup>

### A marcha para Laguna

No dia seguinte, 21 de abril, as Forças em Operações ao Sul da Província de Mato Grosso cruzaram o rio Apa, tendo o 20º BI na vanguarda do grosso constituído pelo 21º BI e pelo 17º CVP. O Forte Bella Vista, que estava em chamas, foi atacado e posteriormente ocupado pelos brasileiros.

A fortificação inimiga consistia em um quadrilátero de paus-a-pique, formando um palanque respeitável, com baluartes circulares em dois cantos, e quatro canhoneiras para bocas de fogo de pequeno calibre.<sup>21</sup>

Estimou-se que trezentos soldados paraguaios guarneceriam o forte. Mais uma vez, os guaranis se retiraram da região, adotando a tática da terra arrasada, sem perder de vista a coluna expedicionária e tendo o cuidado de levar todo o gado consigo. Consolidada a ocupação, verificou-se que não havia víveres para alimentar a tropa.

O Cel Camisão permutou a denominação da coluna para **Forças em Operações ao Norte do Paraguai** e determinou a busca no campo pelo gado disperso. No dia 24 de abril, o comandante do 17º CVP relatou o reconhecimento feito no dia anterior, quando observou:

Quartel do Comando do Batalhão 17º de Voluntários da Pátria, no Forte de Bela Vista, República do Paraguai, 24 de abril de 1867.

[...] tendo, às dez horas do dia, transposto os postos avançados, fui logo encontrando vestígios de carros de Artilharia, gente a pé, cavalhada e boiada, e depois de uma hora de marcha avistei um acampamento que, pela bandeira e profundidade, calculei ser de trezentas a quatrocentas praças [...]

[...] à Artilharia, pelos sulcos das rodas, depreendo ser três bocas de fogo; tendo consultado nesta ocasião sobre a Cavalaria e boiada aos prisioneiros brasileiros que se evadiram da Vila de Conceição e que iam comigo para campearem gado, como homens práticos, declararam-me ter o inimigo levado consigo cerca de 800 cavalos, não podendo precisar o número de reses.<sup>22</sup>

No dia 1º de maio de 1867, a coluna acampou próximo à fazenda Laguna. Pros-

seguiram para a “invernada”<sup>23</sup> da fazenda, onde nada encontraram durante as buscas dos dias 2 e 3 de maio. Seguindo em frente, encontraram o acampamento paraguaio. Havia patrulhas tangendo o gado e tocando a boiada, mas nenhuma rês foi capturada.

Mostrou-nos o primeiro relance de olhos que, tanto ali como em qualquer parte, o inimigo nos cerceava sobretudo víveres. Ao colocarmos guardas avançadas, pudemos, a certa distância, divisar um acampamento paraguaio dispendo de grande boiada e cavalhada tangida para sul, enquanto a sua vanguarda nos vigiava os movimentos. Que podíamos fazer sem cavalaria.<sup>24</sup>

No dia 4 de maio, o mascate Miguel Arcângelo Saraco,<sup>25</sup> vindo de Nioaque pelo itinerário percorrido pela coluna, se apresentou na fazenda Laguna, com quatro carretas de víveres e mercadorias, suprimento insuficiente para atender a demanda da tropa em operações.

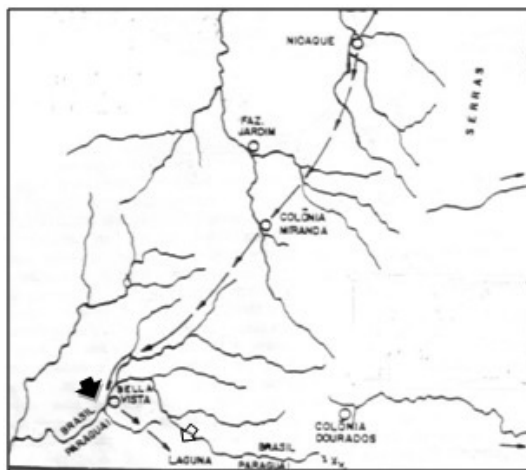


Figura 5 – Marcha do rio Apa à Fazenda Laguna  
Fonte: adaptação do autor, baseado em GUIMARÃES, 1999

Na madrugada do dia 6 de maio, foi realizado um ataque contra o estacionamento guarani com o 21º BI e o Corpo de Caçadores (a pé) em 1º escalão, apoiado pelo 17º CVP, com o reforço de dois canhões e em reserva mantendo o 20º BI. Esse entrevero foi denominado, pelos paraguaios, de Combate de Akaravevó.

[...] de baioneta calada, a posição dos canhões paraguaios foi tomada. (Não concebia o comandante paraguaio Urbietta ter seus canhões, seus cavalos e suas sentinelas avançadas, que resguardavam o grosso da tropa, vencidos por tão pequeno contingente de soldados a pé, e sem canhões, sem cavalos).<sup>26</sup>

Não houve a ordem para ocupar a posição. A consolidação do objetivo não foi realizada. Faltavam os Sup Cl I e V. Não havia animais para tracionar as bocas de fogo inimigas capturadas. O Maj Tomás Gonçalves, comandante do 21º BI, encerrou a operação evacuando sua tropa do reduto inimigo.

Os paraguaios, passada a surpresa, tracionaram as carretas de artilharia, apontaram seus tubos em direção ao escalão de ataque inimigo e cumpriram a missão de tiro, enquanto que a força hipomóvel carregava sobre o flanco brasileiro. O fogo de contrabateria expedicionário fez calar os canhões guaranis e manter a cavalaria paraguaia a distância.

O combate foi intenso. O número reduzido das baixas expedicionárias, as elevadas perdas guaranis e sua inferioridade no combate em relação aos brasileiros fez surgir no Cel Camisão a seguinte exclamação:

[...] assolaram esta região indefesa, não mais dirão que os tememos. Sabem que dentro do próprio território podemos obrigá-los a

pagar o mal que nos fizeram. Vamos à fronteira aguardar algumas probabilidades de nos abastecer e gozar de pequeno repouso que me não poderá ser exprobado.<sup>27</sup>

Assim sendo, o Cel Camisão tomou a decisão de empreender uma retirada até a fronteira, na esperança de lá encontrar as carretas com víveres e munição solicitados a Nioaque e, depois de reabastecido, voltar a operar ofensivamente além do rio Apa.<sup>28</sup>

### **A retirada da Laguna**

As forças guaranis haviam sido reforçadas. O Maj Montiel Blas, com uma força de dois mil soldados e seis “bocas de fogo”, reforçou as tropas de Urbietta a fim de deter a invasão do Paraguai. A essa situação se referiu o Gen Resquin:

Afortunadamente, em 16 de abril de 1867, chegaram ao porto de Vila de Concepción alguns reforços de tropa de cavalaria e uma bateria de artilharia, que do acampamento do Passo Pucu haviam sido despachados, para se porem às ordens do Coronel Martim Urbietta, Comandante Militar de Nioac.<sup>29</sup>

Na manhã de 8 de maio de 1867, a coluna expedicionária iniciou a retirada.<sup>30</sup> O 1º Corpo de Caçadores (a pé) tinha a missão de vanguarda, logo atrás vinha o grosso, composto do 20º BI e do 21º BI, realizando a flancoguarda e, fechando o dispositivo, o 17º de Voluntários da Pátria com a missão de retaguarda.

Iniciada a marcha para o Apa, os paraguaios, sob o comando do Maj Urbietta, atacaram a coluna. O Cel Camisão determinou que a travessia do córrego da Invernada fosse acelerada.

A coluna adotou a formação em quadrado, com a finalidade de se defender das cargas da cavalaria paraguaia. Os guaranis tentaram romper o dispositivo brasileiro.

No Combate de Baiendê, segundo o Gen Resquin, os paraguaios perderam três oficiais e 65 praças mortas, sendo feridos sete oficiais e 82 praças.<sup>31</sup> Ao terminar a operação de transposição de curso d'água, os soldados do 17º CVP resgataram do leito do rio uma peça de artilharia.<sup>32</sup>



Figura 7 – Peça de artilharia calibre 4 (canhão La-Hitte)  
Fonte: DUARTE, 1984

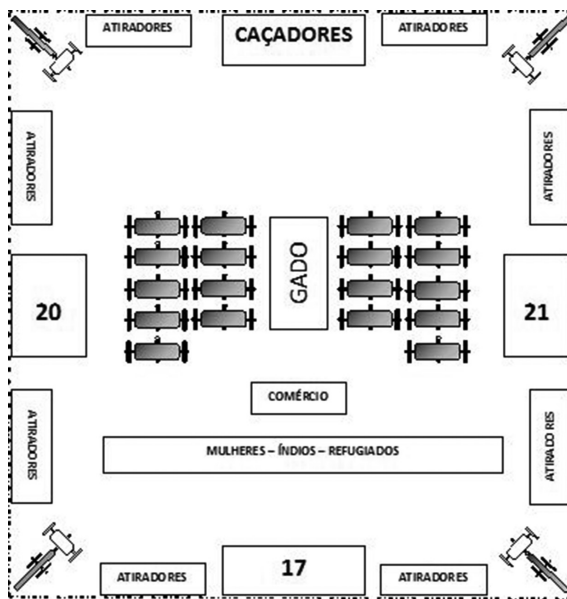


Figura 6 – O esquema do quadrado  
Fonte: adaptação do autor, baseado em CAMPES-TRINI, 2011

O combate foi um ir e vir, durante todo do dia, a fim de não permitir que o inimigo penetrasse no quadrado. Ao cair da noite, a coluna estacionou à margem do rio Apa-mi, no itinerário que levaria à fronteira.

No dia 9 de maio, à tarde, a coluna acampou nas alturas que dominavam as margens do rio Apa em frente ao Forte Bella Vista. Nessa região aguardou duas jornadas, até que, no dia 11 de maio, transpôs o acidente capital que delimitava a fronteira entre a República e o Império.

Nessa oportunidade, o comandante da expedição recebeu a informação, por um oficial vindo de Nioaque, de que as carretas com Sup Cl V não se encontravam a caminho.

Já no Brasil, a cavalaria paraguaia atacou o 17º de Voluntários, vanguarda da coluna, no dia 11 de maio. A confusão se instalou novamente, e os guaranis aproveitam o entrevero para cercar e aprisionar o último recurso de alimentação para a coluna: o gado.

Este combate, denominado Nhandipá, tributou em terras brasileiras a vida de 184 guaranis sob o comando do Maj Urbiet, enquanto que as baixas brasileiras foram de aproximadamente sessenta. A tropa voltou a marchar sempre na formação quadrado, exigência de um exército sem cavalaria.<sup>33</sup>

Nesse dia surgiu um novo e mais perigoso inimigo: o cólera-morbo. A primei-



Figura 8 – O quadrado

Fonte: DUARTE, 1984

ra baixa surgiu com a morte de um índio terrena. O Dr. Gesteira e Dr. Quintana, únicos médicos da coluna, comunicaram, reservadamente, ao comandante a situação existente e que a mesma se alastraria por toda a coluna.

O itinerário de retraimento passava por um caminho que ia ter na fazenda do Guia

Lopes. A princípio, era conhecido apenas do Velho Lopes e seu filho: mais curto; mais seguro; mais impróprio às ações da tropa hipomóvel inimiga; e com maior probabilidade de se encontrar gado livre no pasto.



Figura 9 – Cavalaria paraguaia

Fonte: [www.ospreypublishing.com](http://www.ospreypublishing.com)

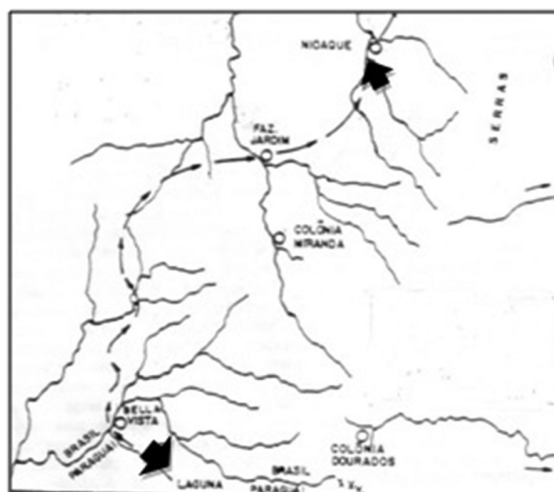


Figura 10 – Itinerário de retraimento da Fazenda Laguna a Nioaque

Fonte: GUIMARÃES, 1999

Apesar de todas as condições favoráveis, Lopes alertou, ainda, pela necessidade de se realizarem reconhecimentos, a fim de não caírem em emboscadas do inimigo, haja vista que a região era coberta por vasto e espesso matagal. Isso não foi feito.

No dia 14 de maio, através do campo coberto de macegal, foi possível avistar no horizonte colunas de fumaça. Era o incêndio no campo.

Os paraguaios fizeram uso constante desse recurso, durante toda a retirada. Eram habilíssimos (Taunay, p. 114) neste gênero de manobras que entre eles chega a constituir uma arte, com regras baseadas nos conhecimentos dos ventos e lugares, arte, aliás, diabólica, quando empregada como arma de guerra.<sup>34</sup>

No dia 20 de maio, três soldados foram tocados pela cólera. A doença evoluiu rapidamente dizimando o efetivo das forças da expedição. Esse vírus, diferentemente do beribéri era contagioso e de uma eficácia mortal. Os vetores de transmissão eram a água e os parques alimentos contaminados.

Concomitantemente, o flagelo do fogo acompanhou a coluna expedicionária durante doze dias e doze noites até atingirem as cercanias da fazenda Jardim, no dia 23 de maio. Nesse período, os animais exauridos já não caminhavam, ficando os carros de munição, os canhões e as carretas de bagagens sem tração. A fome voltou a castigar a coluna. Faltava pão, sal, farinha, carne e cereais. Os homens e as mulheres estavam morrendo de fome.

E assim aconteceu. O inimigo fustigava a tropa. O fogo ardia, ressecava a pele e sufo-

cava os pulmões. A falta de alimentos levava muitos à morte. A tormenta era implacável na sua intensidade. E agora a cólera exterminava a coluna. As carretas estavam apinhadas de feridos e coléricos. No dia 25, apurou-se que havia 96 padiolas transportando os doentes.

Havia urgência em encontrar uma solução. Na madrugada do dia 26 de maio, o Cel Camisão reuniu seus oficiais e anunciou a sua decisão: abandonar os coléricos à generosidade do inimigo. Ao mesmo tempo, assumiu a inteira responsabilidade por aquele brutal e cruel ato, necessário para salvar a expedição.

Após o anúncio se fez um silêncio sepulcral, apenas rompido pelo Dr. Gesteira:

Meu juramento médico prestado ante Deus, ante a Sociedade, ante a minha própria consciência, selado pela minha honra, manda, exige, que me oponha a essa desumana resolução, mas os meus deveres de soldado, meu destino intimamente ligado à Expedição e aos laços de Disciplina me impõem, por sua vez, o mais profundo silêncio à resolução de meu Chefe; não me é lícito aprovar nem desaprovar; aplaudir nem censurar.<sup>35</sup>

Naquela mesma madrugada, à luz das tochas, foi aberta uma grande clareira no Pouso do Prata no arroio Cambaracê, atual rio Verde, onde cada batalhão posicionou seus enfermos para serem abandonados no dia seguinte.

A clareira aberta, que serviu de último pouso aos coléricos, ficou conhecida pelo nome de Cambarecê,<sup>36</sup> pois na língua nativa guarani, *cambá* significava “negro africano”, “preto”, “macaco preto”. Assim o paraguaio se referia a todo soldado brasileiro.



Figura 11 – O abandono dos coléricos

Fonte: óleo de Lopes do Leão, acervo do Museu Histórico Nacional

Comentário do autor: Episódio verificado na Coluna Expedicionária do Mato Grosso, na jornada de 26 de maio de 1867, no Pouso do Prata.

A coluna, novamente, se põe em marcha e, aos poucos, se distanciou de seus camaradas quase moribundos. Pouco depois se escutaram os disparos das armas de fogo e os gritos dos coléricos transpassados pelas espadas e lanças guaranis.

No dia seguinte, 27, a coluna se aproximou do rio Miranda, avolumado pelas

chuvas. Ao cair da noite, a coluna acampou no sítio do Jardim. O Cel Camisão, o Ten Cel Juvêncio e o Guia Lopes recebem a extrema unção, este último perece naquela mesma noite e é enterrado junto com seu filho em suas próprias terras. O número de coléricos aumentava.

A marcha prosseguiu. Em 29 de maio, o Cel Camisão e o Ten Cel Juvêncio falecem e são enterrados lado a lado às margens do rio Miranda.<sup>37</sup> Imediatamente os oficiais comandantes dos diversos corpos se reúnem e designam, interinamente, o major José Tomás Gonçalves comandante das Forças em Operações.



Figura 12 – Cambarecê

Fonte: reprodução obtida na Internet (domínio público)

No local foi construído, por ordem do Imperador, um cemitério, hoje Cemitério dos Heróis, sob os cuidados do Exército. Os restos mortais daqueles mortos foram trasladados, décadas depois, para o monumento aos Heróis da Retirada da Laguna e Dourados, no Rio de Janeiro.

No dia 30 de maio, teve início a travessia do rio Miranda, que tributou mais três vidas, ao serem levadas pela forte correnteza das águas. No dia seguinte, 1º de junho, com a segunda margem ocupada, a coluna se reorganizou e partiu em direção a Nioaque. A noite caiu, e os expedicionários continuaram marchando. A coluna acampou na margem esquerda do rio Nioaque. Um batalhão paraguaio, que efetuara a transposição do curso d'água antes da coluna, tentou emboscar a vanguarda da tropa (21º BI), que reagiu com perícia e bravura. Por todos os lugares existiam sinais da passagem das tropas inimigas.

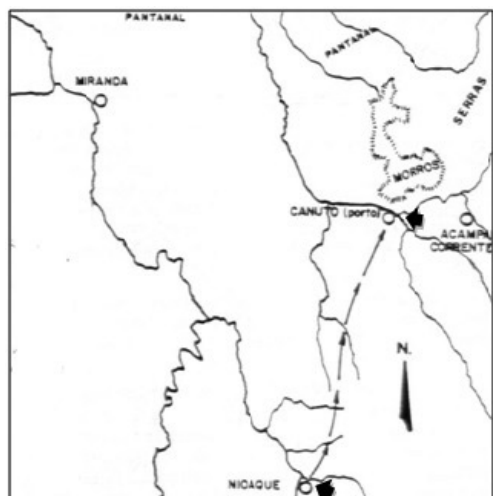


Figura 13 – Itinerário de retraimento de Nioaque a Porto Canuto

Fonte: adaptação do autor, baseado em GUIMARÃES, 1999

A coluna chegou, em 4 de junho, à Nioaque incendiada pelos guaranis quando a abandonaram. O Serviço de Intendência<sup>38</sup> deixado pelo Cel Camisão nesta Área de Apoio Logístico, sob o comando do Francisco Augusto de Lima e Silva, já havia retraído para Porto Canuto.

Ainda em Nioaque, o inimigo montou uma armadilha. Colocou explosivos dentro da igreja com rastilhos. Sem preocupação, um voluntário acidentalmente acionou o dispositivo de ignição e o templo foi pelos ares, ceifando seis jovens vidas e mutilando outras sete.

Em 5 de junho, a tropa partiu de Nioaque em direção à primeira margem do rio Taquaraçu, onde estacionou. No dia 8 de junho, os paraguaios anunciaram, por meio de seus clarins, que estavam se retirando para o Forte de Bella Vista. A travessia foi concluída no dia 9; após duas jornadas, a tropa chegou ao Porto Canuto, na margem esquerda do rio Aquidauana. No dia 11 de junho de 1867, estava encerrada a operação militar da Retirada da Laguna.

No dia 12 de junho, o comandante da coluna expedicionária baixou a seguinte ordem do dia:

A retirada, soldados, que acabais de efetuar, fez-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias as mais difíceis. Sem cavalaria, contra o inimigo audaz, que a possuía formidável, em campos onde o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-nos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pela cólera que vos roubou em dois dias o vosso comandante, o seu substituto e ambos os vossos guias; todos esses desastres vós os suportastes numa inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio da tormenta, de imensas inundações, em tal desorga-



nização de natureza que parecia contra vós conspirar.

Soldados! Honra a vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras.<sup>39</sup>

Foram trinta e três dias de dores e sofrimentos causados pela perda de companheiros, condições climáticas, cobertura vegetal, regime dos rios, doenças e ação inimiga. Mesmo assim, eles conseguiram cumprir a missão de se retirar e regressar com seu efetivo, reduzido, ao Brasil sem se renderem com seus canhões e bandeiras, ou aniquilados pela lança ou fogo paraguaio.

Após refeito da fadiga, equipado e armado, o 17º de Voluntários da Pátria e os remanescentes dos outros corpos foram deslocados para Cuiabá, capital da província onde receberam o carinho e a atenção da população. O 17º CVP seguiu, posteriormente, rumo a Asunción, onde participou da Campanha das Cordilheiras.

Em reconhecimento à bravura e ao destino desses homens, o governo imperial, em 7 de agosto de 1868, concedeu às Forças Ex-

pedicionárias em Operações ao Sul de Mato Grosso a Medalha Constância e Valor, também conhecida como Medalha da Campanha de Mato Grosso.

A outorga dessa condecoração foi formulada com base no seguinte texto:

Atendendo à **constância e ao valor** com que, não obstante as privações sofridas, se houveram as Forças Expedicionárias de Mato Grosso, batendo vigorosamente as colunas paraguaias em combates que com elas travaram em território inimigo.<sup>40</sup>  
(Grifo nosso)

A constância e o valor do soldado brasileiro foram testados nos entreveros com o inimigo, durante a marcha (Machorra, Bella Vista e Akaravevó) e na retirada (Baiendê, Apa-Mi e Nhandipá), quando conquistaram a vitória, em circunstâncias táticas e ambientais que indicavam o aniquilamento ou a capitulação, como inevitáveis, das Forças Expedicionárias.<sup>41</sup>

E assim, a coluna expedicionária foi extinta, cuja organização se deu em 10 de abril de 1865, com tropas do exército de linha estacionadas nas províncias do Paraná e São Paulo, que marcharam em direção a Uberaba. Na cidade mineira, concentraram os efetivos que partiram rumo ao Mato Grosso em 4 de setembro do mesmo ano, aglutinando no caminho os soldados e voluntários das Minas Gerais e de Goiás.

Em 20 de dezembro, a expedição adentrou o teatro de operações, tendo o seu primeiro batismo de fogo em Machorra, no dia 20 de abril de 1867. No dia seguinte, invadiu o Paraguai. Lutaram em Akaravevó, em Baiendê e Nhandipá, onde o tributo para a vitória foram as sepulturas deixadas no cami-



Figura 14 – Medalha Constância e Valor  
Fonte: revista Verde-Oliva, 2017

nho. Lutaram contra a fome, a cólera e o que havia de melhor da tropa inimiga, a cavalaria paraguaia. Acolhidos em Porto Canuto em 11 de junho de 1867, encerraram a missão.<sup>42</sup>

A Retirada da Laguna foi o episódio de maior destaque de toda a missão. Mas o termo “retirada” traz uma conotação de “derrota”.<sup>43</sup> Então por que comemorar erros estratégicos e táticos que tiveram como resultado mais de duas mil baixas? A constância e o valor extremados pelos soldados brasileiros são a resposta para tal indagação.

A “Medalha da Campanha de Mato Grosso” expressou àquela época, assim como expressa nos dias atuais, o verdadeiro significado do episódio da “Retirada da Laguna”.

## Conclusão

O planejamento estratégico baseado em informações pouco precisas sobre o inimigo, o terreno e os meios fez com que a execução do apoio logístico no teatro de operações se tornasse deficiente, em todos os níveis, principalmente no que diz respeito aos suprimentos classe I, V e VIII.

O planejamento tático baseado em informes sobre a área de operações e seus recursos naturais, sem que a qualidade das fontes, a plausibilidade e a veracidade dos fatos fossem comprovadas, levou o Cel Camisão a decidir de maneira falha. A expedição foi constantemente surpreendida pelo inimigo, sofrendo pela redução até a inexistência do suprimento classe I e pela reposição de equinos para cavalaria e muares para o tracionamento das carretas e dos canhões.

A invasão do território inimigo sem possuir uma cauda logística compatível com a

operação traçada — e, principalmente, sem a sua Arma Ligeira<sup>44</sup> que se pudesse contrapor à cavalaria guarani — levou ao insucesso da missão. Os paraguaios não foram expulsos do território brasileiro e sim, realizaram um movimento retrógrado até Laguna. Deste ponto passaram a perseguir a força expedicionária até as cercanias de Nioaque. Só retraíram por conta da necessidade de empregar seus meios na frente Sul.

Apesar do fracasso da expedição, a retirada da Laguna é um capítulo à parte na história, pois foi um movimento organizado e realizado para a retaguarda, a partir da fazenda Laguna, no Paraguai, em 8 de maio, até o acolhimento em Porto Canuto, no Mato Grosso, em 11 de junho, cujo objetivo foi romper o contato com a tropa paraguaia comandada pelo Maj Urbieta.

Ao serem acolhidos, com parcela de seu efetivo, com seus estandartes e suas bocas de fogo, esses soldados externaram as qualidades do homem e militar do povo brasileiro. O Estado empregou tropas do Amazonas, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo na defesa de uma província distante e pouco habitável como era o Mato Grosso daquele século.

O manejo correto da artilharia (canhões La-Hitte) e as manobras da infantaria (o quadrado) evitaram extermínio da expedição, consequência do exemplo demonstrado pelos oficiais e graduados à frente de seus comandados, todos desgastados pelos sucessivos combates e emboscadas perpetrados pelo soldado paraguaio.

O reconhecimento do povo e do governo imperial fez-se através da “Medalha Constância e Valor”, outorgada unicamente aos

integrantes da força expedicionária do Mato Grosso.

A constância se manifestou pela capacidade dos oficiais e praças de se recobrem e se adaptarem à má sorte ou às mudanças ocorridas nos itinerários de marcha e de retraimento, seja pela força da natureza, seja ação dos paraguaios.

O valor foi evidenciado pelo moral e capacidade física e intelectual, demonstrados nos momentos mais difíceis da empreitada, o que despertou admiração e respeito da sociedade da época, ao tomarem conhecimento da valentia, coragem e intrepidez de seus soldados.

À Nação Brasileira e ao seu Exército cabe lembrar e rememorar os feitos daqueles que de-

ixaram as suas vidas no pantanal matogrossense e nas terras guaranis. A frase “constância e valor”, cunhada no verso da medalha, foram os atributos que serviram de amálgama àqueles que deixaram suas províncias e participaram dessa epopeia.

A constância e o valor foram estampados no suor, no sangue e nas lágrimas, acima do que seria humanamente esperado, do soldado do Exército de Linha ou do Voluntário da Pátria. **REB**

*De quase três mil homens que chegaram a compor  
a força expedicionária, apenas 700 voltaram  
a Porto Canuto. Trouxeram as bandeiras,  
os canhões e a honra intactos.  
Deixaram milhares de sepulturas.*

CEL FRANCISCO JOSÉ MINEIRO JUNIOR<sup>45</sup>

## Referências

- CAMPESTRINI, Hildebrando. *História de Mato Grosso do Sul: Cinco séculos de História*. – Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DUARTE, Paulo de Queiroz, 1900. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 2 – t. III – O Comando de Osorio.
- GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas Léguas a Pé*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed, 1999.
- IZECKSON, Vitor. *O Cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.
- TAUNAY, Alfredo d’Escragno, Visconde de, 1843-1899. *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2006.
- MINEIRO, Francisco José Júnior. *Justificativa de rememorações referentes à Retirada da Laguna*. Memória para Decisão Nº 326, CEPHiMEx, 07, ago., 2017, p. 2 e 3.
- Revista Verde-Oliva / Exército. *A Guerra da Tríplice Aliança*. Ano XLIV, Nº 236, Brasília: Centro Comunicação Social do Exército, 2017.

www.google.com

www.ospreypublishing.com

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

- 
- <sup>1</sup> FROTA, Guilherme de Andrea. *500 Anos de História do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000, p. 362.
  - <sup>2</sup> DORATIOTO, F. M. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.111.
  - <sup>3</sup> GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas Léguas a Pé*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999, p. 24.
  - <sup>4</sup> DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 121.
  - <sup>5</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz, 1900. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 2 – t. III – O Comando de Osorio, p. 5.
  - <sup>6</sup> Taunay, Alfredo d' Escragnole, Visconde de. *A retirada da Laguna*; traduzida da quinta edição francesa por Afonso de E. Taunay. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2006, p. 47.
  - <sup>7</sup> IZECKSON, Vitor. *O Cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997, p. 85.
  - <sup>8</sup> DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 122.
  - <sup>9</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz, 1900. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 2 – t. III – O Comando de Osorio, p. 24
  - <sup>10</sup> Mulheres, crianças, carreteiros, comerciantes, aventureiros que acompanhavam a tropa durante a guerra.
  - <sup>11</sup> DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 123.
  - <sup>12</sup> GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas léguas a pé: a campanha do Apa*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999, p. 35.
  - <sup>13</sup> *Ibidem*, p. 74.
  - <sup>14</sup> Apelido que os soldados haviam dado à beribéri, pela característica do endurecimento da barriga das pernas, logo no início da doença. – GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas Léguas a Pé*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999.
  - <sup>15</sup> Enfermidade causada pelo protozoário *Trypanosoma evansi*. Disponível em: <www.infoescola.com/medicina-veterinaria/mal-de-cadeiras>. Acesso em: jun. 2017.
  - <sup>16</sup> DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 123.
  - <sup>17</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz, 1900. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 2 – t. III – O Comando de Osorio, p. 27.
  - <sup>18</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escragnole, Visconde de, 1843-1899. *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2006. p. 66.
  - <sup>19</sup> GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas Léguas a Pé*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999, p. 96.
  - <sup>20</sup> CAMPESTRINI, Hildebrando. *História de Mato Grosso do Sul: Cinco séculos de História*. – Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011, p. 216.
  - <sup>21</sup> *Ibidem*.
  - <sup>22</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz, 1900. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 2 – t. III – O Comando de Osorio, p. 36.
  - <sup>23</sup> Local onde o gado se concentrava na estação das grandes cheias, atraídos pelas propriedades salinas do solo.

- <sup>24</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escragno, Visconde de, 1843-1899. *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2006. p. 86.
- <sup>25</sup> DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 127.
- <sup>26</sup> GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas Léguas a Pé*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999, p. 97.
- <sup>27</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escragno, Visconde de, 1843-1899. *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2006, p. 91.
- <sup>28</sup> GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas Léguas a Pé*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed, 1999, p. 100.
- <sup>29</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz, 1900. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 2 – t. III – O Comando de Osorio, p. 40.
- <sup>30</sup> Movimento retrógrado que uma tropa faz para a retaguarda, de forma organizada, com a finalidade de romper o contato com o inimigo.
- <sup>31</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz, 1900. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 2 – t. III – O Comando de Osorio, p. 41.
- <sup>32</sup> Um canhão La-Hitte.
- <sup>33</sup> CAMPESTRINI, Hildebrando. *História de Mato Grosso do Sul: Cinco séculos de História*. – Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011, p. 219.
- <sup>34</sup> *Ibidem*, p. 220.
- <sup>35</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz, 1900. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 2 – t. III – O Comando de Osorio, p. 52.
- <sup>36</sup> Onde o negro (brasileiro) chorou, referindo-se aos pedidos de misericórdia que os coléricos abandonados naquele riacho fizeram, sem sucesso, aos paraguaios, para não serem mortos.
- <sup>37</sup> CAMPESTRINI, Hildebrando. *História de Mato Grosso do Sul: Cinco séculos de História*. – Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011, p. 223.
- <sup>38</sup> *Ibidem*.
- <sup>39</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz, 1900. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 2 – t. III – O Comando de Osorio, p. 61.
- <sup>40</sup> *Ibidem*, p. 62.
- <sup>41</sup> MINEIRO, Francisco José Júnior. *Justificativa de lembranças referentes à Retirada da Laguna*. Memória para Decisão Nº 326, CEPHiMEx, 07, ago., 2017, p. 2 e 3.
- <sup>42</sup> *Ibidem*.
- <sup>43</sup> *Ibidem*.
- <sup>44</sup> Tropa de natureza hipomóvel – Cavalaria
- <sup>45</sup> MINEIRO, Francisco José Júnior. *Justificativa de lembranças referentes à Retirada da Laguna*. Memória para Decisão Nº 326, CEPHiMEx, 07, ago., 2017, p. 2 e 3.